



UniCISE

Título do Estudo: IMPLICAÇÕES DOS HÁBITOS DE SONO E DOS ESTILOS DE VIDA NO RENDIMENTO ESCOLAR E NA SAÚDE MENTAL DOS ADOLESCENTES DE VISEU

Investigador Principal/Orientador: Madalena Cunha, João Duarte

Investigadores Colaboradores (alunos): Ana Correia, Anabela Rodrigues, Andreia Lemos, Ângela Pereira, Arlete Amaral, Cátia Guerra, Cristela Gonçalves, Elisabete Santos, Fernanda Ribeiro, Fernanda Alves, Filipa Carmo, Helena Cardoso, Idalina Salgado, Lia Silva, Liliana Mendes, Lisete Costa, Maria Rodrigues, Marisa Pereira, Nuno Rodrigues, Nuno Henriques, Patrícia Pereira, Patrícia Oliveira, Queilidénia Silva, Sara Santos, Sílvia Loureiro, Susana Ribeirinha, Tânia Coelho, Vera Santos

Curso: 10^oCL

Ano de realização: 2008

RESUMO

A adolescência é caracterizada por ser um período de mudança em que o jovem procura a sua verdadeira identidade, fazendo-o por tentativas e erros. Sendo também um período de experimentação, os adolescentes encontram-se então mais susceptíveis a diversos factores.

Perante estas inquietações e por ser uma problemática crescente na sociedade em que vivemos, consideramos pertinente estudar as **Implicações dos Hábitos de Sono e Estilos de Vida no Rendimento Escolar e na Saúde Mental dos Adolescentes do Concelho de Viseu**.

Este estudo assentou numa pesquisa não experimental, seguindo uma via descritiva, analítico-correlacional e transversal, sendo delineada a seguinte questão de investigação: **“Será que os hábitos de sono e os estilos de vida têm influência no rendimento escolar e na saúde mental dos adolescentes?”**

A fim de obter respostas científicas e válidas à questão de investigação, foram traçados os seguintes objectivos:

- Analisar a influência das variáveis sócio-demográficas, variáveis académicas e estilos de vida na saúde mental e no rendimento escolar dos adolescentes;
- Identificar a interferência das variáveis relacionadas com o sono na saúde mental e no rendimento escolar;
- Analisar a relação existente entre o rendimento escolar e a saúde mental dos adolescentes.

Para alcançar os objectivos supracitados optámos por aplicar questionários de forma a recolher informação acerca dos Dados Pessoais, da Escola, dos Estilos de Vida, dos Hábitos de Sono, do Compósito de Matutividade, do Sono de Oviedo (QSO) e dos Distúrbios do Sono; foram também utilizadas as escalas dos Hábitos de Estudo (Rendimento Escolar), de Sonolência de Epworth, de Fadiga Crónica, de Rastreio em Saúde Mental e o Índice de Qualidade do Sono de Pittsburg (IQSP)

Para o nosso estudo recorremos a uma amostra não probabilística intencional que teve por base os estudantes que frequentavam, no ano lectivo de 2006/2007, os 10^o, 11^o e 12^o anos de escolaridade, prefazendo a amostra final um total de 2094 adolescentes.

Recorremos à estatística descritiva e analítica no tratamento de dados utilizando o programa estatístico SPSS 15.0 (Statistical Package for the Social Sciences) versão (2006) para Windows.

Através da análise dos resultados podemos aferir que:

- O sexo feminino e os adolescentes mais jovens apresentam melhor rendimento escolar enquanto que, os do sexo masculino apresentam melhor saúde mental.
- Os adolescentes que não fumam, não consomem drogas, não ingerem bebidas alcoólicas e praticam desporto apresentam melhor rendimento escolar. No entanto, os que ingerem bebidas alcoólicas pontualmente, apresentam melhor saúde mental.
- Os adolescentes que apresentam: maior existência de sonolência, de fadiga crónica, mais eficiência do sono, mais idade, mais medicação hipnótica, menor satisfação subjectiva do sono, perturbações do sono e disfunção diurna, têm pior rendimento de estudo. Enquanto que, quanto menor a existência de eficiência de sono e matutividade, maior a saúde mental dos adolescentes.
- Nas variáveis rendimento escolar e saúde mental, os adolescentes que apresentam maior motivação e melhor ambiente de estudo têm menor saúde mental.

Os resultados apontam assim para uma multiplicidade de factores que afectam o rendimento escolar e saúde mental dos adolescentes.



RESUMOS DAS MONOGRAFIAS/TRABALHOS DE INVESTIGAÇÃO

11º CURSO DE LICENCIATURA DE ENFERMAGEM



Título do Estudo: SAÚDE MENTAL DOS CUIDADORES INFORMAIS DO DOENTE DEPENDENTE PÓS-AVC

Investigador Principal/Orientador: Suzana André

Investigadores Colaboradores (alunos): Ana Margarida Saraiva; Bibiana Rodrigues; Carla Damil; Cláudia Rodrigues; Luciana Cunha; Maria Fernanda Ferreira; Sara Miranda; Soraia Tavares; Tânia Teixeira

Curso: 11ºCL

Ano de realização: 2008

RESUMO

O Acidente Vascular Cerebral (AVC) é a primeira causa de morte em Portugal, sendo responsável pela elevada morbilidade e diminuição da esperança de vida com qualidade. A problemática do Cuidadores Informais ainda é um ponto pouco explorado daí a pertinência do estudo: Saúde Mental dos Cuidadores Informais de Doentes Dependentes Pós AVC.

OBJECTIVO: Avaliar a relação entre variáveis sócio-demográficas, psicossociais e clínicas na Saúde Mental dos Cuidadores Informais do doente dependente após AVC.

METODOLOGIA: Estudo não experimental, quantitativo, descritivo correlacional, transversal e pluridisciplinar, desenvolvido numa amostra de 111 cuidadores informais de doentes dependentes pós AVC, no distrito de Viseu, 82,88% mulheres, 17,12% homens, com idades entre 21-82 ($x = 51.03$ anos).

Material: Questionários: Sócio-Demográfico, Preparação para a Alta; Avaliação da Sobrecarga do Cuidadores Informais (MARTINS, RIBEIRO e GARRET, 2003); Escalas: Graffar (SITKEWICH e GRUNBERG, 1979), Apgar Familiar (SMILKSTEIN, 1978), Apoio Social (MATOS e FERREIRA, 2000), Personalidade (VAZ SERRA, PONCIANO, FREITAS, 1980), Vulnerabilidade ao Stress (VAZ SERRA, 2000), Rastreo em Saúde Mental (PIO ABREU, 1984), Índice de Katz (KATZ, DOWNS, CASH, [et al], 2000), Inventários: Clínico de Auto-Conceito (VAZ SERRA, 1986); Depressão de Beck (VAZ SERRA e ABREU, 1973).

CONCLUSÕES:

- As variáveis sócio demográficas não estão directamente relacionadas com a Saúde Mental dos Cuidadores Informais, excepto as variáveis sexo, estado civil e situação laboral;
- As variáveis psicossociais influenciam a Saúde Mental dos Cuidadores Informais.



Título do Estudo: ANSIEDADE NOS ESTUDANTES DO 4º ANO DO CURSO DE LICENCIATURA EM ENFERMAGEM DA ESCOLA SUPERIOR DE SAÚDE DE VISEU

Investigador Principal/Orientador: Carla Cruz

Investigadores Colaboradores (alunos): Jennifer Martins da Cruz; Maria Manuela Aguiar Gonçalves; Olga Isabel Ferreira Paixão; Rita Alexandra Santos Antunes; Telmo Miguel Moedas Paulo.

Curso: 11ºCL

Ano de realização: 2008

RESUMO

INTRODUÇÃO A ansiedade é uma experiência emocional, que varia desde a inquietação ligeira ao terror intenso, sempre associado à previsão de situações de tensão futuras. Propusemo-nos estudar a ansiedade nos alunos de Enfermagem do 4ºano da ESSV.

MÉTODOS No intuito de responder à questão: “será que os níveis de ansiedade no estudante universitário variam em função da sua vida académica?” recorreremos a um estudo quantitativo, descritivo-correlacional, transversal, retrospectivo, não experimental numa amostra de 107 estudantes (idades compreendidas entre 20 e 26 anos, sendo o grupo etário [20;22[com 54.2%, o mais representativo).

Material:

- Inventário clínico de Auto-Conceito (VAZ SERRA, 1985);
- Inventário de Ansiedade Traço-Estado – IDATE (desenvolvido por SPIELBERG [*et al.*], 1970 e traduzido e validado por BIAGGIO e NATALÍCIO, 1979).

OBJECTIVOS

- Avaliar o nível de Ansiedade apresentado nos estudantes;
- Identificar quais das variáveis estudadas estão presentes nos comportamentos ansiosos.

RESULTADOS

- Os *scores* de IDATE variam entre 21 e 80 (\bar{x} = 41.96; S=11.959) para a ansiedade-estado e entre 23 e 65 (\bar{x} =40.80; S=9.888) para a ansiedade-traço.

O auto-conceito associou-se com a Ansiedade (A-estado: $r=-0.375$ $p=0.000$ e A-traço: $r=-0.425$ $p=0.000$), inferindo-se que quanto menor o auto-conceito maior é a Ansiedade.

Existe uma associação significativa entre ansiedade e: apresentação oral de trabalhos, dias anteriores a uma frequência, dia da frequência e duração dos ensinamentos clínicos.

A associação entre as expectativas futuras e a ansiedade revelou-se significativa em: exercer a profissão logo após a finalização do curso, o curso possibilitar a realização profissional e o conseguir concretizar os objectivos a curto prazo.

CONCLUSÕES

A maior parte dos estudantes de Enfermagem encontram-se no nível II de ansiedade (moderado), tanto para a ansiedade-estado, como para a ansiedade-traço.



UniCISE

Título do Estudo: 20 ANOS DE EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE NO ÂMBITO DA SIDA

Investigador Principal/Orientador: Cláudia Chaves

Investigadores Colaboradores (alunos): Ana Isabel Almeida Rito; Carla Manuela Pinto Mercê; Cátia Gisela Monteiro Barbosa; Daniela Sofia Miguel Pires; Elda Manuela Ribeiro de Sousa; Ivo Manuel Mateus Alves; Marisa de Andrade Aguiar; Nádia Cláudia do Carmo Ferraz; Ricardo Filipe Santos Pinto

Curso: 11^oCL

Ano de realização: 2008

RESUMO

Neste estudo é abordada a temática da Educação para a Saúde no âmbito do HIV/SIDA por ser um assunto tão em voga nos dias de hoje. O presente estudo procurou fazer a distinção entre o que já foi feito e o que falta fazer no âmbito da Educação para a Saúde e a SIDA. Sabendo que as intervenções neste âmbito não têm tido o êxito que seria de esperar e que seria desejável, queremos perceber que rumo devem tomar os esforços no âmbito da prevenção da transmissão do HIV/SIDA.

De modo a atingir estes objectivos, a metodologia utilizada foi a metanálise, em particular a revisão sistemática de estudos realizados nos últimos vinte anos (entre os anos 1988 e 2008), uma vez que há 27 anos surgiu o primeiro caso de SIDA e é necessário perceber como foi a evolução das crenças acerca do HIV, a evolução das intervenções de prevenção bem como a eficácia das mesmas ao longo destes anos. Estes estudos foram recolhidos no período de 17 de Março a 25 de Abril, em bibliotecas de todo o país e bibliotecas online.

Nesta investigação pudemos concluir que os jovens em geral possuem informações e conhecimentos sobre o HIV/SIDA e sobre como fazer prevenção, mas apesar disso, continuam a apresentar comportamentos de risco. Podemos concluir também que para alterar estes factos, deve-se investir nas acções que os jovens consideram significativas. Assim, deve-se investir na educação contínua e integrada no ensino, leccionada sobretudo por profissionais de saúde e da educação de forma multidisciplinar, e nos *media*, uma vez que é uma fonte que os jovens consideram credível e à qual têm acesso com bastante facilidade.



Título do Estudo: CONHECIMENTOS SOBRE AS FORMAS DE TRANSMISSÃO DO VÍRUS VIH/SIDA EM PESSOAS VULNERÁVEIS

Investigador Principal/Orientador: Madalena Cunha

Investigadores Colaboradores (alunos): Ana Rita Almeida Serrano; Diana Maria e Melo de Oliveira; Lisete Margarida Madeira Marques; Tiago Simões Martins Duarte Machado

Curso: 11^oCL

Ano de realização: 2008

RESUMO

São escassos os estudos realizados nos grupos populacionais mais vulneráveis sobre conhecimentos face ao VIH/SIDA. Deste modo, tornou-se pertinente investigar os conhecimentos sobre as formas de transmissão do VIH/SIDA em populações vulneráveis, como pessoas que exercem prostituição e sem-abrigo.

Este estudo assentou numa pesquisa não experimental, seguindo uma via quantitativa, descritivo-correlacional, transversal e retrospectiva, cujos objectivos são avaliar o nível de conhecimentos sobre o VIH/SIDA em pessoas vulneráveis e analisar a relação das variáveis sócio-demográficas e práticas de saúde com o nível de conhecimentos sobre o VIH/SIDA.

Para alcançar os objectivos supracitados optámos por aplicar um questionário à amostra seleccionada, sendo esta constituída por 200 pessoas vulneráveis (120 pessoas que exercem prostituição e 80 pessoas sem-abrigo).

Os scores dos conhecimentos sobre o VIH/SIDA variaram entre 3 e 27 (M=14.75; D.P.=5.140)

Pela análise dos resultados, podemos aferir que apresentam mais conhecimentos sobre o VIH/SIDA, as pessoas vulneráveis:

- o de nacionalidade brasileira (KW=48.713; p=0.000);
- o que estão inseridas em famílias nucleares (KW=94.730; p=0.000);
- o que estão empregadas (KW=27.609; p=0.000);
- o que não utilizam preservativo (z= -4.514; p=0.000);
- o que não consomem substâncias psicoactivas (z= -2.149; p=0.031)

Além disso:

- o quanto maior a idade, maiores os conhecimentos sobre o VIH/SIDA (r=0.172; p=0.014)
- o quanto maiores os conhecimentos sobre as infecções sexualmente transmissíveis maiores os conhecimentos sobre o VIH/SIDA

Em relação ao nível de conhecimentos sobre o VIH/SIDA em pessoas vulneráveis, 35% apresentaram conhecimentos bons, 35% conhecimentos razoáveis e 30% défice de conhecimentos.



Título do Estudo: O PODER DA INFLUÊNCIA DAS CHEFIAS DE ENFERMAGEM NOS ENSINOS CLÍNICOS

Investigador Principal/Orientador: Olivério Ribeiro; Cláudia Chaves; Carlos Pereira

Investigadores Colaboradores (alunos): Ana Catarina Faustino; Daniela Almeida; Diana Soares; Diana Amaro; João Silva; Maria João Marques; Mónica Aleixo; Tiago Esteves

Curso: 11^oCL

Ano de realização: 2008

RESUMO

O estudo debruça-se sobre a liderança dos enfermeiros-chefes e a aceitação dos ensinamentos clínicos por parte destes. Uma vez que o nosso programa curricular é essencialmente prático, leva-nos a abordar esta temática.

Métodos: Estudo transversal, descritivo correlacional numa amostra de 29 enfermeiros-chefes, 51.70% mulheres, 48.30% homens (Idade Média = 49.17; Desvio Padrão = 4.23).

Material: Escala “É um chefe motivado e satisfeito com o seu trabalho?” (GRAÇA, 1989); Escala do Bom Ouvinte (JUNQUEIRA, 1986); Questionário da Liderança em Enfermagem (LOUREIRO, 2006), que é constituída por quatro escalas: Escala LPC, Escala das Relações com os Membros da Equipa, Escala de estrutura dos Cuidados de Enfermagem e Escala do Poder Formal.

Objectivos: Analisar o modo de liderança, a satisfação/motivação e a aceitação dos ensinamentos clínicos por parte dos enfermeiros-chefes.

Resultados/Conclusões:

- Com o aumento da satisfação aumenta o nível da liderança; com o aumento da motivação diminui o nível da liderança;
- Os enfermeiros-chefes com boa capacidade de ouvir/escutar são, em média, os líderes orientados para a tarefa (82.6);
- Os enfermeiros-chefes que referem a melhoria da prestação de cuidados como principal factor de ponderação são os que apresentam valores de liderança inferiores (59.3);
- Os enfermeiros-chefes que referem os aumentos dos gastos como apreciação da passagem de alunos pelos serviços são os que apresentam um valor de liderança superior (93.5).

Título do Estudo: RESILIÊNCIA NAS CRIANÇAS DOS 3 AOS 5 ANOS

Investigador Principal/Orientador: Amarílis Rocha

Investigadores Colaboradores (alunos): Ana Cristina Rodrigues Ferreira; Liliana Andreia Costa Loureiro; Patrícia Manuela Rocha Oliveira; Tânia Macário Pereira

Curso: 11^oCL

Ano de realização: 2008

RESUMO

O estudo debruça-se sobre a resiliência nas crianças dos 3 aos 5 anos.

Introdução: A resiliência é uma capacidade necessária e fundamental às crianças de hoje, que serão os adultos de amanhã. A verdadeira medida de um homem não é como ele se comporta em momentos de conforto e conveniência, mas como se mantém e ultrapassa os tempos de controvérsia e desafio.

Objectivos: Avaliar a relação entre variáveis sócio-demográficas, a aplicação do programa *Strong Start Pre-K* e a resiliência nas crianças dos 3 aos 5 anos.

Metodologia:

Participantes: Estudo longitudinal desenvolvido numa amostra de 76 crianças, 47,4% do género feminino e 55,3% do género masculino, com idades entre 3 e 5 anos (Média = 4,25; DP.= 0,785).

Material: Recorremos ao uso do programa *Strong Start Pre-K*, e do questionário *WeBeST*.

Resultados:

- No pré-teste, apresentam maior resiliência, as crianças de 4 anos e as crianças que têm 1 irmão;
- No grupo de controlo, os níveis de resiliência são superiores no pré-teste do que no pós-teste.
- No grupo experimental, os níveis de resiliência são superiores no pós-teste do que no pré-teste.

Conclusões:

- A aplicação do programa *Strong Start Pre-K* teve efeito positivo na resiliência nas crianças em idade pré-escolar.



Título do Estudo: ANSIEDADE DOS ALUNOS DO 1º ANO DE LICENCIATURA EM ENFERMAGEM DA ESSV

Investigador Principal/Orientador: Amadeu Gonçalves

Investigadores Colaboradores (alunos): Ana Margarida Rodrigues Marques; Cátia Sofia da Ponte Marques; Daniela Filipa Antunes Pereira; David Alexandre Santos Costa Sousa; Joana Filipa Ferreira Oliveira; Raquel Maria Monteiro Figueiredo

Curso: 11ºCL

Ano de realização: 2008

RESUMO

A entrada no ensino superior constitui, actualmente, uma das mais importantes vivências no ciclo académico do estudante. Talvez por esta razão, esta etapa torna-se num período de apreensão e ansiedade.

O presente estudo aborda a ansiedade dos alunos do 1º ano de Licenciatura em Enfermagem da Escola Superior de Saúde de Viseu.

Um grupo de 116 alunos matriculados na referida instituição respondeu a um questionário que permite avaliar o auto-conceito – Inventário Clínico de Auto-conceito (Vaz Serra, 1985) e o grau de ansiedade - Inventário de Ansiedade Traço-Estado (Spielberger, traduzido por: McIntyre & McIntyre, 1995) na população alvo, bem como alguns dados de caracterização tais como idade, sexo, zona da residência habitual, opção de curso, residência em tempo de aulas, estratégias utilizadas para diminuição da ansiedade.

Na elaboração deste estudo, recorremos a uma metodologia de cariz quantitativo, através de um estudo transversal, descritivo, analítico e correlacional, tendo como objectivo primordial determinar os níveis de Ansiedade nos respectivos alunos.

Os valores de Ansiedade-Estado variam entre 20 e 67 e entre 20 e 65 para a Ansiedade-Traço, apresentando 50,5% dos indivíduos baixos níveis de Ansiedade-Traço e 52,3% de Ansiedade-Estado. A percentagem de ansiedade moderada é, respectivamente, 45,9% e 41,3%.

Verificou-se que são as mulheres que apresentam maiores níveis de ansiedade, embora só haja diferenças estatisticamente significativas para a Ansiedade de Estado. Existe também uma correlação negativa entre o Auto-Conceito e a Ansiedade Traço-Estado. Constatou-se que 45,9% dos estudantes consideram-se ansiosos no dia-a-dia.



Título do Estudo: BULLYING NOS ALUNOS DO 2º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Investigador Principal/Orientador: Lúcia Cabral

Investigadores Colaboradores (alunos): Alexandra Isabel Dinis; Alfredo Rafael Pina; Edgar José Pires; Hugo Rafael Santos; Mário Jorge Emídio; Mauro Filipe Silva; Suzi Marina Costa; Vera Lúcia Ferreira

Curso: 11ºCL

Ano de realização: 2008

RESUMO

O *Bullying* é um fenómeno actual em Portugal, ocupando o 6º lugar no *ranking* da Europa, em alunos a frequentar o 2º ciclo do Ensino Básico. Neste contexto procurámos investigar a existência de *Bullying* nos alunos do 2º ciclo do Ensino Básico.

Trata-se de um estudo quantitativo, descritivo - correlacional, transversal e não - experimental numa amostra não probabilística intencional de 250 alunos do 2º Ciclo do Ensino Básico (129 do sexo masculino e 121 do sexo feminino, sendo a média de idade de 11,24 anos).

Como instrumento de colheita de dados aplicámos o Questionário: *Bullying/agressividade* entre alunos na escola, de Dan Olweus (1989) adaptado para a população portuguesa por PEREIRA (2000).

Como objectivos temos identificar a existência de *Bullying* nos alunos do 2º ciclo do Ensino Básico e analisar a relação entre as variáveis sóciodemográficas e académicas e o *Bullying* nos alunos do 2º ciclo do Ensino Básico.

Através da nossa investigação, as conclusões principais foram:

- Cerca de 15,6% dos alunos estiveram envolvidos em problemas de agressão e vitimação, como agressores ou vítimas;
- Há uma tendência para os rapazes estarem mais expostos às práticas de *Bullying* do que as raparigas;
- O recreio é o local de maior frequência de agressão (70,0%);
- O tipo de agressão mais frequente é a directa verbal (50,0%);
- Os alunos de nacionalidade estrangeira, com pais separados e que sofreram reprovações escolares têm uma maior predisposição para práticas de *Bullying*.